



***DESCONSTRUINDO GÊNERO: JOGANDO COM TEATRO E SOCIOLOGIA
PARA PROBLEMATIZAR PERFORMANCES DE GÊNERO JUNTO DE
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO***

***DECONSTRUYENDO EL GÊNERO: JUGANDO CON EL TEATRO Y LA
SOCIOLOGÍA PARA PROBLEMATIZAR LAS ACTUACIONES DE GÊNERO
CON ESTUDIANTES DE SECUNDARIA***

***DECONSTRUCTING GENDER: PLAYING WITH THEATER AND
SOCIOLOGY TO PROBLEMATIZE GENDER PERFORMANCES WITH HIGH
SCHOOL STUDENTS***

Suélen Pinheiro Freire Acosta¹

Marlise do Rosário Machado²

RESUMO

Nesta proposta iremos descrever e analisar duas experiências interdisciplinares, que envolveram os componentes curriculares de Teatro e Sociologia. As experiências foram orientadas por uma mesma situação-problema, a qual versava sobre a construção de performances de gênero em nosso cotidiano, e convidava os estudantes de Ensino Médio a vivenciar essas situações através de atividades lúdicas e criativas, como jogos de improvisação e construção de cenas. Conjuntamente com a descrição propomos análises com relação a percepção dos estudantes a respeito dos padrões e performances de gênero, a partir das cenas e jogos, com base em referências que conectam gênero e educação. Consideramos que as experimentações narradas demonstram a importância de evidenciar a presença do corpo nos processos de aprendizagem, sobretudo em reflexões voltadas à desconstrução de performatividades de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Performatividade. Gênero. Sociologia. Teatro.

¹ Doutoranda em Sociologia. UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Professora de Sociologia na educação básica.

² Mestra em Educação. UERGS, Osório, Rio Grande do Sul, Brasil. Professora de Teatro na educação básica.

RESUMEN: En esta propuesta describiremos y analizaremos dos experiencias interdisciplinarias, que involucraron los componentes curriculares de Teatro y Sociología. Las experiencias fueron guiadas por la misma situación problemática, que versaba sobre la construcción de performances de género en nuestra vida cotidiana, e invitaron a estudiantes de secundaria a vivir estas situaciones a través de actividades lúdicas y creativas, como juegos de improvisación y construcción de escenas. Junto a la descripción, proponemos análisis sobre la percepción de los estudiantes sobre los patrones y actuaciones de género, a partir de escenas y juegos, a partir de referentes que conectan género y educación. Consideramos que los experimentos narrados demuestran la importancia de resaltar la presencia del cuerpo en los procesos de aprendizaje, especialmente en reflexiones dirigidas a deconstruir las performatividades de género.

PALABRAS CLAVE: Performatividad. Género. Sociología. Teatro.

ABSTRACT: In this proposal we will describe and analyze two interdisciplinary experiences, which involved the curricular components of Theater and Sociology. The experiences were guided by the same problem situation, which dealt with the construction of gender performances in our daily lives, and invited high school students to experience these situations through playful and creative activities, such as improvisation games and construction of scenes. Together with the description, we propose analyzes regarding students' perception of gender patterns and performances, based on scenes and games, based on references that connect gender and education. We consider that the experiments narrated demonstrate the importance of highlighting the presence of the body in learning processes, especially in reflections aimed at deconstructing gender performativities.

KEYWORDS: Performativity. Gender. Sociology. Theater.

Introdução

No presente texto vamos descrever e analisar duas experiências interdisciplinares, desenvolvidas com estudantes de primeiro ano do Ensino Médio, nos componentes curriculares de Sociologia e Teatro. A escola, localizada na região metropolitana de Porto Alegre (RS), apresenta um currículo diferenciado, em turno integral, e conta com um período semanal de Teatro e dois de Sociologia (com estudantes do primeiro ano do ensino médio). Embora se trate de uma instituição privada, a escola conta com alto número de estudantes bolsistas e de diferentes realidades socioeconômicas. Destacamos a diversidade sociocultural dos e das estudantes da escola com relação a suas identidades de gênero, raça, sexualidade e classe. Quanto as professoras mediadoras das propostas, trata-se de mulheres brancas, cisgêneras³, heterossexuais.

³ Ou seja, pessoas que se identificam com o sexo biológico atribuído em seu nascimento.

As duas experiências partiram da mesma situação-problema, as quais versavam sobre as performances de gênero (Butler, 2003) construídas socialmente e seus atravessamentos em diferentes situações do cotidiano dos estudantes, sejam no âmbito escolar, familiar ou demais relações afetivas. Como estratégia para mobilizar a atuação dos estudantes utilizamos propostas de cenas teatrais com situações inspiradas no projeto “Gênero fora da caixa”, elaborado pelo Instituto Sou da Paz (DI PIERRO, ORTIZ, 2011). Em cada situação, os alunos e as alunas receberam motes como: “Namorado ciumento pega a namorada conversando com outro cara.”, “Comercial de carro no qual o homem que dirige um automóvel desperta a atenção de várias mulheres.”

As atividades realizadas nos anos de 2022 e 2023 diferem-se na forma de aplicação: Em 2022 as professoras trabalharam em dupla-docência nas turmas, unindo períodos dos componentes quando possível, e desenvolvendo jogos de improvisação teatral, seguidos de conversas coletivas com as turmas participantes. Nesta experiência, o jogo se desenrolou em sala de aula, e todos os alunos e alunas, podiam parar a qualquer momento as cenas apreciadas, para entrar e trocar de lugar com algum personagem, intervindo e propondo mudanças no contexto apresentado, com base, em sua percepção de quem antes assistia às cenas improvisadas e agora se punha diante do público, ou seja, no “palco”.

Já em 2023, na impossibilidade de dupla-docência por questões de organização interna, os jogos de improvisação foram realizados nas aulas de Teatro, e os motes para as cenas foram apresentados nas aulas de Sociologia. Nessas, os estudantes tiveram 50 minutos para criação cênica, escolhendo algum espaço da escola como cenário, e apresentaram aos colegas no período seguinte. As reflexões e conversas coletivas ocorreram após as apresentações, sem que os colegas que estavam assistindo pudessem entrar e interferir na narrativa apresentada, modificando as cenas.

Nas duas edições da proposta ficou evidente a importância de espaços para a fruição, a criatividade, e o lúdico associado à reflexão. Em ambas, verificamos a potência da proposta quanto a construção do (auto) conhecimento entre os jovens estudantes, à medida que se percebem enquanto sujeitos em uma conjuntura social maior, que atravessa suas vivências e de suas famílias. Nesse processo de autopercepção, exercitado na convergência entre Teatro e Sociologia, muitas foram as emoções que emergiram, proporcionando ainda o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Os debates e estudos sobre relações de gênero na escola tem se mostrado cada vez mais necessários, acompanhando a complexificação da sociedade e das identidades diversas, assim como forma de resistir às crescentes tentativas de silenciamento e de

negacionismo do pensamento crítico. Entendemos, nesse sentido, que propostas como essas podem contribuir positivamente na desconstrução de padrões de gênero tóxicos e violentos, aqui compreendidos como práticas que buscam fixar identidades de gênero de forma hierárquica, ainda frequentemente reforçados por discursividades heteronormativas,

Caminhos de (des) construção

Antes de chegarmos à realização da proposta interdisciplinar de jogar com a Sociologia e o Teatro, cada um dos componentes curriculares percorreu diferentes caminhos em suas sequências didáticas. Com intencionalidades específicas, buscou-se dar início a construção de conhecimento nessas duas matérias que, para maior parte dos estudantes, se apresentava como novidade, por não fazer parte dos currículos de Ensino Fundamental. Desse modo, apresentamos a seguir, os caminhos que traçamos visando a desconstrução de padrões de gênero.

Acorda Raimundo! Para mobilizar a discussão sobre gênero enquanto construção social (Louro, 2003. Scott, 1995) bem como as performances de gênero (Butler, 2003) e suas nuances, em formato de cine-debate, assistimos ao curta-metragem “Acorda Raimundo!⁴” Este que já é um clássico no âmbito das discussões sobre gênero e violências de gênero, embora em alguns elementos se mostre “datado” ao olhar dos e das estudantes, ainda é essencialmente pertinente. A desigualdade na divisão sexual do trabalho, que permanece como problema social na atualidade (Souza, Guedes, 2016) é evidenciada no curta, e repercutiu nos relatos dos estudantes, ampliando-se também para as relações entre irmãos (irmãs e irmãos, mais velhos e mais novos) e entre pessoas que namoram. A respeito da pertinência da divisão sexual do trabalho entre os e as jovens foi sublinhada, no debate em sala, por meio da apresentação aos e às estudantes, do Relatório “Por ser Menina⁵”, que demonstra como o tratamento desigual é ensinado desde a infância. Conforme o Relatório, por exemplo, para 67,2% das meninas, fazer tarefas domésticas

⁴ “O curta-metragem é uma história que mostra uma posição contrária de valores e responsabilidade entre homens e mulheres para a época em que o curta foi gravado, em seu enredo é manifestado a seguinte indagação: E se as mulheres saíssem para o trabalho enquanto os homens cuidassem dos afazeres domésticos? Mostra muito da nossa realidade atual, que retrata a relação de Marta e Raimundo, com seus conflitos familiares.” Direção: Alfredo Alves País Disponível em: <https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/curtas-educativos/acorda-raimundo>

⁵ PLAN INTERNATIONAL. Relatório Síntese - Pesquisa “Por ser Menina”: Percepções, Expectativas, Discriminações, Barreiras, Violências baseadas em Gênero e Habilidades para a vida das meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil. Brasília,

está entre as atividades realizadas com maior frequência, enquanto esta é indicada por 31,9% dos meninos.

Discutimos também, com os estudantes, padrões na educação dos meninos que reforçam ideais inadequados de masculinidades, como a repressão das emoções e o uso da violência (Connel, 2016). Notavelmente, nas duas experiências, houve maior iniciativa e disposição para os debates por parte de alunas do gênero feminino e estudantes que se identificam com parte da comunidade LGBTQIAP+, enquanto os meninos que se reconhecem como heterossexuais se mostravam inibidos, ao menos no início, ou até mesmo em uma postura defensiva. A diferença na “recepção” da proposta demonstra conexão com o desconforto que pode gerar, embora sempre com as devidas mediações da(s) professora(s). As convenções sociais de gênero se evidenciam na aparente inexperiência desses meninos em uma proposta desse tipo e a necessidade de se posicionar com resistência (ao menos inicial) a ela.

Também foi abordado, no debate sobre o curta, o fato de o personagem Raimundo retornar para sua vida cotidiana tal qual era anteriormente ao seu sonho, de modo que ele não elabora um processo de conscientização sobre o tratamento que dispensa à sua esposa e filhos.

Anteriormente, vale destacar, os estudantes haviam estudado o conceito de Família, considerando suas múltiplas possibilidades de forma e sua compreensão enquanto instituição social⁶. O estudo partiu de pesquisa realizada entre os estudantes por meio da realização de entrevista com roteiros semiestruturados, em duplas. A socialização dos resultados foi mediada por debates que envolvem a temática família. A construção da compreensão deste conceito foi importante para o aprofundamento das reflexões sobre a divisão sexual do trabalho doméstico.

A sequência didática composta pelo estudo do conceito de família e o debate a partir do curta-metragem foi desenvolvida nos dois anos (2022 e 2023). Com tais temáticas foi possível introduzir o exercício do olhar sociológico com os estudantes de primeiro ano, que vivenciam seu primeiro contato com esse componente curricular.

O exercício central, do ponto de vista da Sociologia escolar, foi a *imaginação sociológica*, que “nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade” (Mills, 1982, p. 12). Tanto no exercício de visualizar e

⁶ Como texto de apoio para o estudo do conceito de família utilizamos: SILVA, Anderson Vicente da. O que é família? In: BODART, Cristiano das Neves. Conceitos e categorias do Ensino de Sociologia, vol.1. Maceió: [Editora Café com Sociologia](#), 2021. pp. 89-94.

refletir sobre a diversidade de e nas famílias, as transformações e permanências nos modelos de família, quanto na compreensão das performances de gênero e seus desdobramentos nas relações sociais, os estudantes foram instigados a olhar para si e para o contexto social que os envolve. Além disso, é notável o interesse dos e das estudantes, de forma geral, por tais temáticas, as quais se apresentam envoltas em questionamentos e mudanças especialmente no contexto das juventudes, o que potencializa a construção da aprendizagem significativa (Ausubel, 2000). As pesquisas sobre as famílias, as discussões sobre o curta, e os jogos de improvisação que seguiram, também foram estímulos ao trabalho coletivo, habilidade social essencial para a construção de conhecimentos sociológicos e críticos. Proposições e ações de mudanças podem ser elaboradas a partir daí.

Dessa forma, ao longo das situações didáticas foi possível identificar as conexões entre os conceitos de família e gênero, assim como a aplicabilidade destes para a análise de problemas sociais tais como a violência contra a mulher, o preconceito com famílias homoafetivas, monoparentais, e as desigualdades na divisão do trabalho doméstico. A utilização do curta-metragem também contribuiu para a leitura da sociedade a partir de diferentes produções culturais. O jogo de Sociologia e Teatro, desde as pesquisas iniciais, foi desenvolvido de modo a construir um diálogo interessante entre os conceitos dos componentes e as inquietações dos e das estudantes, algo pouco frequente no ambiente escolar.

Simultaneamente aos processos mais específicos desenvolvidos pelo componente de Sociologia, o Teatro trabalhou no aprofundamento das relações de escuta, corporeidade, vocalidade e improvisação através do uso de Jogos Teatrais. Partindo do sistema de perguntas “Onde, Quem e O quê?” propostos pela pesquisadora norte-americana Viola Spolin (2010), estabeleceram-se contextos para os jogos que seriam realizados, possibilitando que alunos e alunas fossem aos poucos desenvolvendo uma maior consciência em relação a si, seus corpos e corporeidades. Instigando percepções diversas ao convidá-los a refletir e habitar não só o espaço escolar cotidiano e conhecido, mas também o espaço cênico, que em suas particularidades – como a consciência da presença do olhar do público sobre si, a impoção vocal e o posicionamento em cena – propõe dimensões outras para o corpo que performa e que joga junto e diante de outros corpos. Segundo Spolin:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. (SPOLIN, 2010, p. 4)

Desde o primeiro momento em que foram propostas experiências com Teatro e Sociologia junto aos e às estudantes, potencializou-se a problematização e a reflexão sobre as performances de gênero, convocando percepções atentas para nossos corpos e suas dinâmicas de construção em fluxo: estes corpos que agem e olham, jogam e improvisam são generificados, racializados, têm inúmeras singularidades, identidades, tempos, ritmos, que os diferem entre si. Além disso, vêm de diferentes contextos de estruturas social e familiar, o que se materializa diretamente em como suas presenças e ações se desenvolvem dentro de situações de jogos teatrais e criação de cenas. Cabe ressaltar, que ao fazer uso da improvisação, as pessoas participantes necessitam elaborar respostas rápidas para um contexto ou situação jogada de forma imediata, tornando ainda mais perceptível a presentificação de estruturas pelas quais estamos subjetivados e que reproduzimos no ato de jogar.

Segundo o pesquisador Gilberto Icle (2002), ao nos lançarmos na improvisação cênica, mobilizamos um pensamento-ação, que propõe um engajamento, uma escuta diferenciada, um rápido dar-se conta do contexto jogado junto das demais pessoas jogadoras, bem como da interação necessária com o meio. Não há tempo para uma elaboração calculada da próxima ação, há um corpo que pensa ao agir e age enquanto pensa. Para o autor:

Como método e como estrutura teatral, a improvisação confunde-se com o próprio agir do ator e pode ser considerada uma capacidade de criação. É ponto de partida e ponto de chegada de um processo contínuo. (ICLE, p.77, 2002)

Neste sentido, os Jogos Teatrais contribuíram não só para o desenvolvimento destas habilidades de relação entre as e os participantes e seu entorno, mas também com a presentificação de seus repertórios individuais através de suas performances – corpos que produzem sentidos diversos por meio de sua corporeidade, produzindo efeitos que dizem respeito tanto a um contexto a ser jogado, quanto a suas poéticas próprias, experiências de vida, memórias. Um corpo que brinca de contar uma história em cena, ao fazê-lo, nos conta também sobre si mesmo.

Para mobilizar estas "contações" a estrutura utilizada como regra para diferentes jogos foi "O troca", para a qual existem múltiplas abordagens, mas que para nós, convencionou-se como uma interferência que poderia ser feita por qualquer espectador

participante, durante a apreciação de uma improvisação que estivesse sendo vivenciada por colegas em cena. Nesta regra, qualquer pessoa do público pode gritar “Troca” para que a cena congele, e ela entre no lugar de uma das personagens que estavam desenvolvendo-se durante aquela situação de jogo específica. Ao entrar em cena, a pessoa que assumiu o lugar de determinada personagem, pode propor outros posicionamentos, que mudem a direção da narrativa jogada. Cabe aqui, abrir um parêntese e falar sobre a convenção palco e plateia que é parte da estrutura de um jogo teatral. Esta estrutura estabelece que em sala de aula tenhamos um espaço cênico, no qual estarão apenas as pessoas atuadoras, sendo que diante delas estará a plateia e demais pessoas que, o caso do “Jogo do Troca”, possuirão participação ativa, visto que poderão interferir a qualquer momento no desenrolar das cenas.

Na experiência do ano de 2022, o "Jogo do Troca" foi realizado junto às turmas participantes, com ambas as professoras presentes e foi no ato de jogar que a discussão enquanto ação se desenrolou entre toda turma simultaneamente. No ano de 2023, no entanto, na impossibilidade da dupla docência, o "Jogo do Troca", bem como outros jogos de improvisação serviram de base para criação das cenas entre os grupos separadamente, para que só depois de criadas as cenas, as mesmas fossem apreciadas pelos colegas, não mais como um jogo, mas como uma narrativa estruturada a ser compartilhada com a turma.

Jogando com Teatro, Sociologia e performatividades de gênero

Para rememorar e presentificar textualmente no corpo deste texto, as vivências e reflexões decorrentes das ações realizadas entre 2022 e 2023, partiremos da experiência mais recente até a anterior, a fim de constituir um panorama, do qual possam-se desenrolar considerações que jogando com Teatro, Sociologia e performatividades de gênero, corroborem com a percepção das possibilidades de proposições como estas – que problematizem o corpo e seus marcadores, a partir do engajamento do próprio corpo que ao jogar/criar, dialoga e problematiza ativo e em fluxo.

As cenas realizadas em 2023, nos períodos do componente de Sociologia, foram instigadas pela seguinte situação-problema: “Performances de gênero. Você já pensou nas diversas situações do cotidiano em que nós *performamos* identidades de gênero? Ou será que nossas ações são *naturais*, seguindo orientações próprias da biologia de nossos corpos? Hoje veremos com Zoom, cinco exemplos de situações em que as performances de gênero podem estar presentes. Vamos simular essas situações, com jogos de improviso

(usando habilidades construídas no Teatro) para experimentar e discutir cada uma delas.” Após a apresentação da situação-problema, exposta em *slide* para a turma, conversamos sobre a naturalização de práticas sociais relacionados a questões de gênero. Também foi apresentado aos alunos e as alunas, brevemente, a construção da noção de performance de gênero, à qual muitos associaram (adequadamente) a ideia de performance teatral.

Sequencialmente, os seguintes motes foram apresentados aos estudantes, conforme a imagem abaixo. As situações foram distribuídas aos grupos, por livre escolha. A formação dos grupos, porém, foi elaborada anteriormente pela professora, considerando a importância de reunir alunos e alunas com diferentes habilidades e possibilitar que os grupos tivessem diversidade de gênero. Os e as estudantes foram orientados e orientadas a construir uma pequena cena com base na proposta, combinando com o grupo onde e como ocorreriam e qual a relação entre os personagens. Também deveriam escolher um espaço da escola para apresentar sua cena aos e as colegas. As apresentações foram gravadas pela professora.

Para o presente texto, vamos descrever e analisar duas cenas, uma construída a partir da proposta “Menina leva bronca dos pais. Irmão mais novo chega da festa e pais não o repreendem.”, e outra por “Namorado ciumento pega namorada conversando com outro cara”, ambas presentes na figura 1.

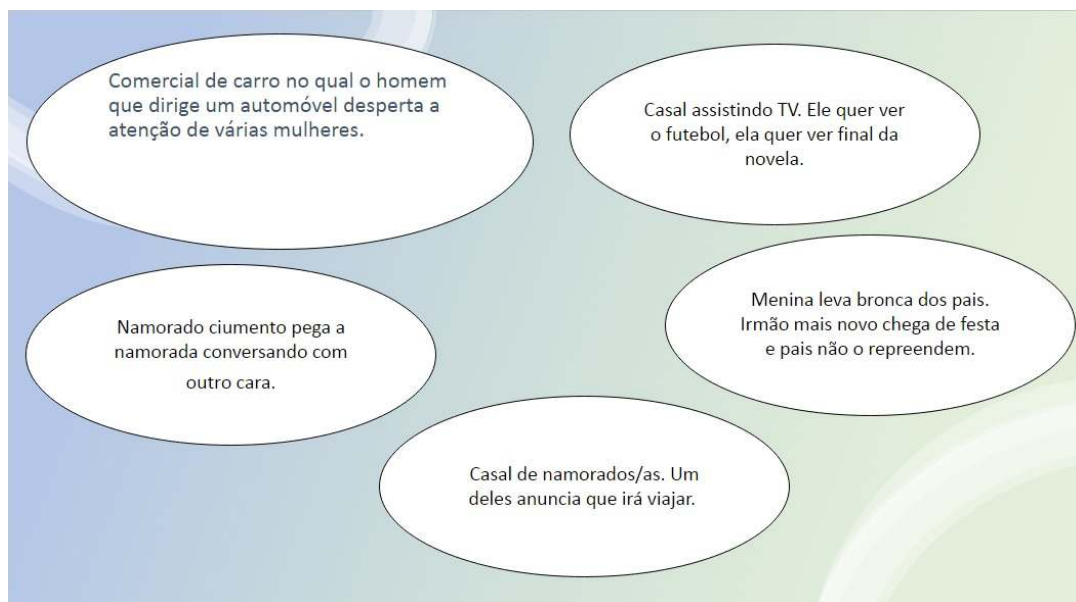


Figura 1. Slide da aula. Acervo pessoal, 2023.

A primeira cena foi realizada por um grupo formado por dois meninos e três meninas. Um dos meninos representou o pai e outro foi o filho; uma menina a mãe, a segunda

menina foi a filha e a terceira, uma amiga da filha. A cena foi apresentada na sala de aula. No início, o casal está sentado no sofá da casa, cada um com seu celular, sem conversar. A amiga da filha bate na porta e convida sua amiga (a filha do casal) para ir ao cinema. A filha então entra em cena, pede aos pais para ir ao cinema, recebendo questionamentos em tom agressivo como resposta. “Onde pensa que vai a essa hora? Tá louca?” diz a mãe. O pai pergunta “Vai sair com essa roupa?” ao que a filha responde que está usando uma *leggin* e um *cropped*, nada demais. A mãe então se direciona a amiga, questionando “E você menina, o que quer com a minha filha a essa hora?” Enquanto a discussão se desenrola, o filho entra em cena, cambaleando, aparentemente muito bêbado. Ele cai no chão da sala, tendo esbarrado na mãe segundos antes. A mãe se mostra muito preocupada, e o pai então diz “Isso é normal, ele é só um garoto.”

A segunda cena foi apresentada por um grupo formado por um menino e três meninas. O grupo subverteu o mote proposto, elaborando a cena de ciúmes entre duas namoradas. A cena foi apresentada no refeitório da escola. Duas meninas estariam na mesa de um bar com um amigo, sendo que uma das meninas é parte do casal. Enquanto eles conversam, a namorada espia o grupo do lado de fora, e começa a ligar insistentemente para a namorada. Então, a namorada ciumenta que espiava do lado de fora, entra no bar e puxa a namorada pelo braço. Começa uma briga, pois a namorada ciumenta cobra a outra de não ter informado que sairia e ter mentido sobre onde estava. A namorada alvo do ciúme silenciosamente vai embora do bar com a namorada, sem tocá-la, com expressão de tristeza.

Após as apresentações das cenas em cada turma, discutimos sobre a construção de cada uma delas, guiadas pelas questões: “Essas situações acontecem com frequência? Você conhece alguém que já passou por alguma dessas situações? E com você, já aconteceu? O que você acha do papel que o homem desempenha nessas situações? Por quê? O que você acha do papel que a mulher desempenha nessas situações? Por quê? Na vida real, diante de uma situação semelhante, você reagiria da mesma forma como representou? O final poderia ser diferente? Como?” O processo reflexivo a respeito das performatividades de gênero auxilia na compreensão enquanto construções sociais permeadas por relações de poder, portanto, maleáveis. Entendemos que essa reflexão é essencial para os estudantes, nos diferentes componentes curriculares, para elaboração da autocompreensão do sujeito e seu lugar no mundo social. Assim, conforme Guacira Lopes Louro:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (LOURO, 2003, p. 21)

Com relação a primeira cena, houve grande identificação por parte das alunas que tem irmão ou que convivem com o primo. A diferença com relação à permissão para sair e, ainda, quanto às obrigações com relação às tarefas de casa foram relatadas pela maioria delas. De outra forma, pareceu ser a primeira vez que os alunos meninos pensavam sobre essa questão. Foi levantada a hipótese, por meninos e meninas, de que as filhas mulheres precisem de maior proteção dos pais, considerando os maiores riscos aos quais elas estariam expostas, sobretudo a possibilidade de violência sexual. Contudo, algumas meninas problematizaram a falta de educação para que os meninos respeitem as meninas, o que reduziria os riscos enfrentados por elas.

É perceptível que, a partir da cena, o processo de desnaturalização e estranhamento tiveram início. Além disso, as desigualdades na educação de meninos e meninas, sentidas especialmente pelas meninas, reflete a construção social do gênero. Os padrões heteronormativos, nesse sentido, são reproduzidos pelo reforço de lugares padronizados de feminilidade e masculinidade. A demarcação do espaço privado para as meninas e do público para os meninos persiste. A bebedeira do menino, filho mais novo do casal, pouco questionada por eles, situa a masculinidade ao lugar de risco, aventura, liberdade – lugar que os pais, na cena, não permitem à filha.

O fato de as meninas se mostrarem mais envolvidas nessa discussão, demonstrando já ter alguma reflexão sobre, ao contrário dos meninos, também reproduz a posição das mulheres na construção do pensamento sobre as relações de gênero. Mesmo quando a reflexão tem os meninos no centro, eles se envolvem e se posicionam menos que as meninas.

Com relação à segunda cena, é interessante observar a elaboração de um casal homoafetivo e, ainda, com situação de violência. Nessa perspectiva, a turma discutiu sobre as variações e posicionamentos e ações dentro da identidade de gênero feminina, e que o mesmo ocorre com as masculinidades. O sentimento de ciúmes e o abuso como parte da relação também tiveram o papel de “des romantizar” certa visão sobre as relações homoafetivas, vistas como totalmente opostas às relações heterossexuais. Assim, tanto as

diversidades internas ao “feminino” quanto ao “masculino” foram alvo da reflexão dos estudantes, a partir da experiência da elaboração das cenas.

Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe a mulher, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras). (LOURO, 2003, p. 31)

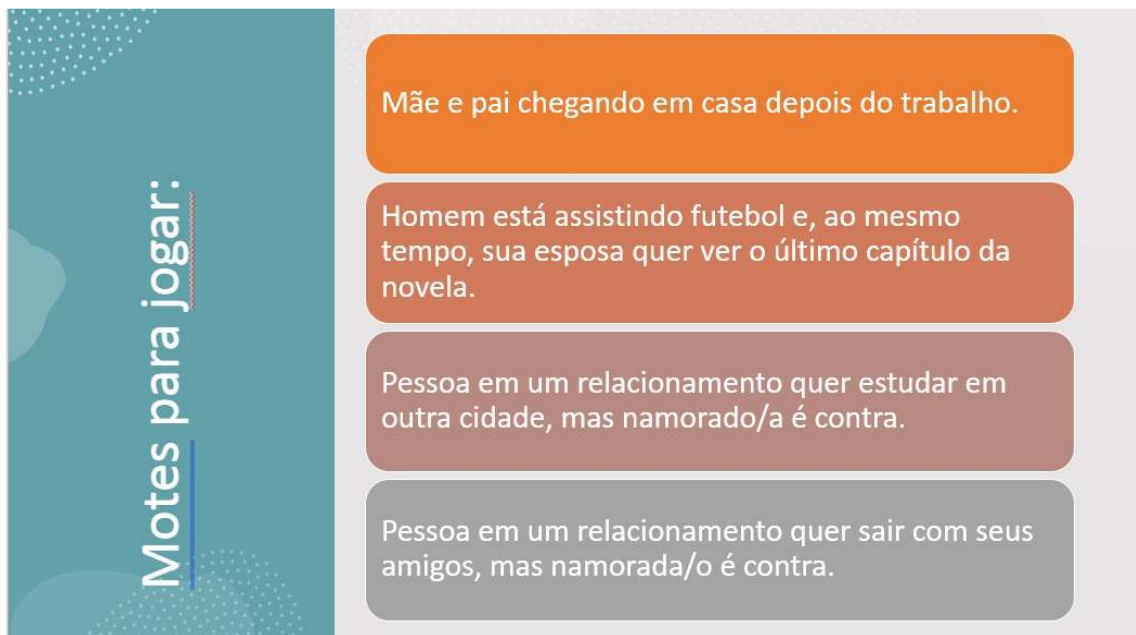
Ainda com relação a segunda cena, procuramos refletir sobre a incidência do ciúme nas relações. Interessante observar que, enquanto os lugares e as performances de gênero foram destrinchadas, o ciúme foi relativamente naturalizado como parte de qualquer relacionamento. Em propostas futuras é importante refletir sobre essa questão, dado que pode estar relacionada ao abuso e a violência no interior dos relacionamentos.

Em 2022 as cenas se desenrolaram com a participação simultânea de toda a turma, em um mesmo espaço, a sala de aula. As alunas e os alunos tiveram a sua disposição, adereços, figurinos e outros elementos com os quais poderiam constituir um cenário básico, que ajudasse a construir a atmosfera desejada, de acordo com a estrutura jogada. Voluntariavam-se inicialmente para o jogo, em grupos diferentes, as pessoas atuadoras e as que organizariam o cenário, sendo que no decorrer da vivência outros participantes poderiam exercer estes papéis.

Para estabelecer sobre qual mote trabalharíamos, apresentávamos as possibilidades a serem escolhidas pelos alunos e pelas alunas. Nesta proposição abordávamos em cada período de aula apenas um mote ou dois, visto que, uma única situação de jogo, era contemplada por mais tempo, trocando de jogadoras ou jogadores de acordo com a interferência que desejavam fazer no desenvolvimento e rumos da narrativa jogada. Uma mesma cena também se transformava com a proposição da criação de novas personagens, por sugestão da plateia participante. Esta possibilidade não concebida anteriormente deu-se no fluxo do jogo, trazendo outros contornos para o aprofundamento do desenrolar das situações jogadas.

Buscando delinear de maneira mais concreta o desenvolvimento desta vivência é que iremos relatar aqui as cenas que, jogadas, partiram de um único mote: “Homem assistindo a final de futebol, e ao mesmo tempo sua esposa quer ver o último capítulo da novela”, disponível na Figura 2. Tal motivação, escolhida pela turma, rendeu excelentes discussões, tendo grande participação e engajamento no desenvolvimento da trama.

Figura 2. Slide da aula.



Acervo pessoal, 2022.

Inicialmente entraram em cena o marido e a esposa, juntos os dois jogadores reproduziam sem nenhuma sugestão de como as personagens deveriam se comportar, papéis que denotavam uma clara divisão sexual do trabalho. O homem alegava estar cansado por ter trabalhado o dia inteiro, logo era seu direito assistir ao jogo de futebol, ao mesmo tempo solicitava que a esposa, que ficara o dia inteiro descansando, lhe trouxesse uma cerveja gelada. A mulher rebatia, dizendo estar cansada por conta dos afazeres domésticos e que ainda estava ocupada fazendo a janta, tudo que queria era poder ver o último capítulo da novela enquanto cozinhava. Enquanto justificava seu cansaço, a mulher estendia a cerveja para o marido, que dizia: "A novela vai reprisar amanhã, o meu jogo tem que ser hoje!".

A plateia reagia tanto por conta de sua concentração, quanto por comentários, do tipo: "Meu pai não é assim!" ou "Credo, se fosse comigo!". Ao sinalizar a possibilidade de que sendo consigo, a espectadora faria diferente, ela foi estimulada a usar a regra do jogo e gritar "Troca" para que a cena congelasse e ela entrasse no lugar da personagem esposa, em cena. Ao fazê-lo, a nova jogadora da personagem esposa, trouxe outros argumentos para o marido, como: "Eu me viro para dar conta do meu trabalho dentro e fora de casa! Eu quero voltar a estudar e tu não percebe meu esforço. Não me merece mesmo!" A conversa então evoluía para que ambos comesçassem a enumerar os defeitos um do outro e do quanto o cônjuge havia mudado, desde o início da relação.

Foi então, que mais uma vez ouviu-se o "Troca", e agora tínhamos em cena um novo marido, que parecia ainda mais engajado em assistir ao jogo. Neste momento, a esposa o acusa de estar se tornando alcoólatra e irritado, o homem vira a TV, dizendo: "Está feliz agora? Ninguém vai ver TV! E justo hoje que minha mãe vem jantar aqui!"

Neste momento, os alunos e as alunas sugerem que a personagem da mãe/sogra seja inserida em cena, assim como um filho ou filha, que já estaria em cena, acompanhando a situação em família, até a chegada da avó. Aproveitando esta parada discutimos um pouco sobre como este marido e esposa, em suas duas versões, eram apresentados. Foram apontadas pela plateia, que o marido era o estereótipo de "masculinidade tóxica"⁷, um cara que não conseguia se comunicar com afeto e elaborar como se sentia, impondo assim, de maneira ríspida, suas necessidades. Por outro lado, a segunda jogadora que entrou para performar a esposa, sinalizou que ao assistir a cena inicialmente, pensou que agiria totalmente diferente de sua colega, que parecia inconformada, mas ainda assim submissa na primeira rodada da narrativa jogada, e que ao entrar para propor uma segunda possibilidade de jogo, ela, por mais que tentasse se impor, se via atada a uma estrutura narrativa, na qual tinha dificuldade de se comunicar com o parceiro, visto que o mesmo não estava aberto ao diálogo: "Eu podia ter pedido o divórcio e saído de casa", observou.

Ao comentarmos as cenas, falamos sobre os aspectos relacionados à divisão sexual do trabalho (Federici, 2019), na qual os trabalhos domésticos e de cuidado, não remunerados, são entendidos como reprodutivos. Classificados errônea e culturalmente como parte de um comportamento natural e intrínseco a pessoa que menstrua e que, portanto, está apta a parir e cuidar, porque está biologicamente condicionada a isso. Em contrapartida, os trabalhos produtivos ou remunerados, dentro desta equação seriam os que comumente assumem o *status* de "trabalho", por gerar lucro. O papel de homem, enquanto provedor, foi discutido também a partir deste espectro, situando historicamente o quanto nossas noções de masculinidades, mulheridades⁸ e família, acabam por constituir um panorama estático e excludente, que não configura ou valida outros moldes

⁷ A noção de masculinidade tóxica, mobilizada pelos estudantes, pode ser definida como o conjunto de comportamentos manifestos por pessoas identificadas no gênero masculino com o objetivo da manutenção da dominação sobre o gênero feminino. Para tanto, podem lançar mão de práticas que reproduzam diferentes formas de violência. (Santos *et al.*, 2021, p. 11)

⁸ O significado de "mulher", por exemplo, dentro do debate do feminismo interseccional, deve considerar fatores econômicos, políticos, culturais, físicos, subjetivos e de experiência, podendo dar significados múltiplos para o que significa "ser mulher". A partir dessas reflexões e de algumas reverberações (...) surgiu a proposta, portanto, de pensar na temática das "mulheridades", articulada com esses diferentes marcadores sociais, de forma a também discutir o conceito e sujeito "mulher" sem essencializar ou tomar enquanto dado. Justamente, colocar em discussão a pluralidade que emerge dessa categoria. (Cruz *et al.*, 2017, p.20)

de família, fora da norma de pessoas cisgêneras e heterossexuais. Além disso, por mais que as discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual venham complexificando estas estruturas, estas ainda são muito presentes em nossa sociedade. Outra observação, se deu ao fato de que um dos jogadores que fez o marido, disse não ter como referência o tipo de relação que criou em cena. Apenas parecia ser o lugar comum, com o qual todo mundo podia se identificar. Ao passo, que desta maneira também refletimos, o quanto reproduzimos na necessidade do imediatismo do jogo, as estruturas sociais majoritárias, que nos subjetivam enquanto sociedade, em maior ou menor escala.

Na retomada do jogo, entraram em cena as seguintes personagens: Esposa (mãe), marido (pai), filho (a) e avó (sogra). Neste momento, o aluno que se dispôs a jogar como marido, era mais afetuoso, oferecendo-se para ajudar a cozinhar, porém alegando que seria importante ver o jogo de futebol ao invés da novela, por conta, de estreitar a relação com o filho que não saía mais do celular. A esposa concorda e a narrativa se desenrola em torno da preocupação com o uso do celular, até a chegada da sogra, com a qual começam acontecer uma série de atritos, para os quais o marido, não se coloca, dizendo apenas coisas do tipo: "Não briguem, vocês são as mulheres da minha vida, precisam se dar bem..."

O jogo se desenrola com outras pessoas da plateia gritando "Troca" para assumir o papel de uma das personagens no jogo. Fica bastante evidente a diferença de tratamento, quando ao invés de um filho têm-se uma filha em cena. A jovem que deseja sair para uma festa, ao invés de ouvir uma afirmativa rápida, como no caso do filho no jogo anterior, agora encontra barreiras, porque sair tarde para a jovem seria perigoso. Mesmo a jovem mencionando que a buscariam, houve uma preocupação excessiva, pelo fato de ser uma menina. Um novo jogador trocou de lugar com o marido (pai), e acusou a esposa de não ter educado a menina direito, "só queria estar no celular ou na rua, nem para se juntar a família, jantar e ver o jogo de futebol". A discussão recomeça por conta da programação da TV, a novela esquecida volta à pauta, tanto sogra quanto esposa, que a esta altura já são outras jogadoras, horas se apoiam, em relação a preocupação com a jovem filha/neta, horas se distanciam, quando o tema gira em torno dos interesses do marido/filho.

Muitas variações deste jogo teatral, a partir do mesmo mote, foram improvisadas ao longo de dois períodos (aproximadamente uma hora e quarenta minutos), impossibilitando que relatássemos todos os detalhes. Trazemos, no entanto, certa estrutura que se repete em maior ou menor proporção, durante a experiência, sobre a qual enfocamos mais fortemente nossas problematizações junto a turma. Por que um

tratamento diferente para o filho e para a filha? Por que a rivalidade imediata entre sogra e esposa? Por que ao propor outra abordagem, aparentemente mais afetuosa, o personagem marido pareceu apático e mais interessado no seu objetivo de assistir ao jogo, do que qualquer outra atividade que poderia ser feita em família? Por que ao entrar em cena, foram reproduzidas apenas relações heteronormativas?

A performatividades de gênero assumiu a tônica de nossas reflexões. Segundo Butler (2003), a performance de gênero pressupõe a reprodução de uma forma, que produz um determinado efeito esperado na sociedade, de acordo com parâmetros preestabelecidos. Ao falarmos em masculinidades e mulheridades, nos habituamos a partir de lugares estáticos – formas binárias, que se estruturam enquanto norma e propagam seus efeitos sobre as performances esperadas destes corpos, homem e mulher - menino e menina: desde como devem se comportar, as cores que melhor lhes definem, a vocalidade aguda ou grave que devem emitir. A binaridade de gênero, portanto como limitador da expressão individual e coletiva, enrijecendo identidades que, fixadas, mesmo em espaços de problematização, como propostos em nossos jogos teatrais, reproduzem-se, anunciando que quanto mais pudermos corporificar e refletir de forma simultânea, mais poderemos perceber estas estruturas em nosso cotidiano. Desta forma, a cena como possibilidade de acolher a reprodução destas estruturas e alargá-las, evidenciá-las para poder discuti-las, ou em outras palavras, percebê-las não apenas como uma estrutura que está fora, mas como parte dos fios que tecem nossos corpos: vocalidade, corporeidade e deslocamentos, em ação no dia-a-dia.

Considerações finais

A desnaturalização e o estranhamento, objetivos do ensino de Sociologia, foram postos em prática através de processos que, configurados enquanto Jogos Teatrais possibilitaram dar concretude às discussões de gênero, mobilizando as performances de diferentes corpos em cena. Ao pensarmos as duas experiências, reconhecemos que em ambas, encontramos pistas para ações possíveis na escola, que, propondo o engajamento dos estudantes, potencialize este lugar, no qual, as discussões do corpo e suas performances se deem a partir e através do próprio corpo. Compondo assim, possibilidades de discutir as estruturas e formas que constituídas em diferentes processos históricos, se reproduzem no jogo da existência cotidiana. "Jogo" este que conectado pelos inúmeros atravessamentos do "Cis"tema em que estamos inseridos, inviabiliza

muitas vezes, o espaço para reflexão e por conseguinte, para consciência e problematização.

O corpo pulsa: pensa, produz sentidos, efeitos e é igualmente afetado por estruturas que configuram as performances que, recorrentemente, dele são esperadas. Experimentações como as que trazemos neste relato, não pretendem criar modelos metodológicos, mas compartilhar possibilidades de vivências teórico-práticas, que abram espaços para o agenciamento e protagonismo por parte de estudantes, acenando à necessidade de que sigamos compondo lugares para a discussão de performances de gênero e o aprofundamento das questões suscitadas ao longo destes jogos que se configurando através da Sociologia e do Teatro, tornam-se corpo na materialidade de sua experiência.

Referências

AUSUBEL, David. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Tradução: Lígia Teopisto. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNEL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo: Inversos, 2016.

CRUZ, Priscila Andréa da; DELL'AGLIO, Daniela Dalbosco; MACEDO, Fernanda dos Santos. **Seminário sobre mulheridades e políticas públicas: desafios na efetivação da extensão universitária como política das diferenças**. Porto Alegre: Revista da extensão, 2017.

DI PIERRO, Gabrieli.; ORTIZ, Marília. **Gênero fora da caixa: guia prático para educadores e educadoras**. São Paulo: Instituto Sou da Paz, 2011. Disponível em: https://site.mppr.mp.br/sites/hotsites/arquivos_restritos/files/migrados/File/publi/diversidade/guia_genero_fora_da_caixa.pdf Acesso em: 17 de Outubro de 2023.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução – Coletivo Sycorax São Paulo: Elegante, 2019.

ICLE, Gilberto. **Teatro e construção de conhecimento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. 6 ed. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PLAN INTERNATIONAL. **Relatório Síntese - Pesquisa “Por ser Menina”**: Percepções, Expectativas, Discriminações, Barreiras, Violências baseadas em Gênero e Habilidades para a vida das meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil. Brasília.

SANTOS, Dherik Fraga. et al. **Masculinidade em tempos de pandemia**: onde o poder encolhe, a violência se instala. *Saúde e Sociedade*, v. 30, 23 ago. 2021.

SILVA, Anderson Vicente da. O que é família? *In*: BODART, Cristiano das Neves. **Conceitos e categorias do Ensino de Sociologia**, vol.1. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021. pp. 89-94.

SCOTT, Joan. (2017). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>

SOUSA, Luana Passos.; GUEDES, Diego Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, p. 123–139, 2016.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. SP: Perspectiva, 2010.

Diversidade
e Educação

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em julho de 2024.